Globethics Repository



Aspectos antropológicos relacionados à Internet [Anthropological aspects related to the Internet]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	da Glória Porto Kok, Maria;Junior, Luiz Carlos Francisco
Publisher	Centro Universitário São Camilo
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-01 16:43:03
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/214441

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2012;6(2):212-216

Aspectos antropológicos relacionados à Internet: um olhar reflexivo voltado a uma questão bioética da contemporaneidade

Anthropological aspects related to the Internet: a reflective focused on a contemporary bioethical question

Maria da Glória Porto Kok*
Luiz Carlos Francisco Junior**

RESUMO: O presente artigo se propõe a lançar uma reflexão acerca do avanço e evolução da internet perante a sociedade, bem como propor uma inter-relação entre bioética, antropologia e virtualidade, resultante de uma proposta transdisciplinar entre os referidos campos do saber. Assim, são estabelecidos alguns pontos que podem ser considerados como focos de estudos antropológicos em relação ao cyberespaço. Ademais, traz um breve esclarecimento do contexto de surgimento da internet e de sua disseminação, além de questões e interfaces bioéticas que se relacionam com o referido contexto e com a antropologia. Ao final, algumas considerações são elaboradas com o objetivo de se construir novas perguntas que estimulem pesquisas originais a respeito dessa temática.

PALAVRAS-CHAVE: Internet. Antropologia. Bioética.

ABSTRACT: This paper aims at discussing Internet's spreading and evolution as regards society, as well as proposing the existence of a relationship among bioethics, anthropology and virtuality, on the basis of a transdisciplinarity among these knowledge fields. Thus, we propose some aspects able to be taken as foci of anthropological studies concerning cyberspace. In addition, the paper briefly describes the context of emergence of the internet and its spreading, as well as bioethical questions and interfaces related to the said context and to anthropology. Concluding, we propose some discussions aiming at conceiving other questions able to encourage original research regarding the paper topic.

KEYWORDS: Internet. Anthropology. Bioethics.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, não há como ignorar a existência de um novo espaço antropológico, denominado internet, o qual se encontra em considerável expansão[1]. É nesse espaço que as relações humanas, ultimamente, têm sofrido diversas transformações. Os locais de convivência, a troca de informações e de experiências vêm se diferenciando, cada vez mais, daquilo com que a sociedade estava acostumada.

São condições e situações que vão desde a simples troca de informações e correspondências até a escolha de vivenciar relacionamentos e trocas afetivas através de meros fios de cobre que interligam as pessoas por meio de uma tela de um computador que esteja em condições, mesmo que mínimas, de se ligar à rede[2].

Ademais, não é possível deixar de mencionar que, nesse espaço, estão presentes aspectos de diversos universos antropológicos da vida dos indivíduos, como a possibilidade de educação, a divulgação de oportunidades de trabalho, o acesso às notícias e fatos ocorridos, em nível mundial, entre tantos outros não menos importantes[1].

Nesse contexto, essas transformações sociais, decorrentes do crescimento avassalador da rede a cada ano que se transcorre, tornam-se objetos de estudo e reflexão tendo em vista que a sociedade necessita de parâmetros e referências acerca de como lidar, experienciar e vivenciar as consequentes mudanças provenientes desse novo fenômeno socioantropológico.

Esmiuçando mais essa ideia de sociedade contemplada neste trabalho, pode-se dizer que a academia também carece de novas pesquisas e estudos a respeito da referida temática, para que o campo do saber possa trazer explicações e subsídios fidedignos que auxiliem as pessoas, de modo geral, a compreender e avançar com qualidade e saúde na caminhada em direção aos progressos e inovações resultantes desse cenário contemporâneo.

Por se tratar de uma situação que envolve a sociedade em seus diversos desdobramentos, conforme acima mencionado, opta-se por um debruçar-se impregnado por um

* Pós-Doutora do Departamento de Antropologia da Unicamp. Professora do Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário São Camilo. E-mail: kokmartins@uol.com.br
** Mestrando em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo. Especialista em Docência do Ensino Superior. Professor das disciplinas de Psicologia Aplicada e Administração de Recursos Humanos do curso de Administração de Empresas. E-mail: profluizcarlos@yahoo.com.br

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2012;6(2):212-216

viés antropológico, tendo em vista a necessidade do olhar para fenômenos que envolvem e estabelecem ditames para a vida dos seres humanos[1].

Todavia, considerando-se que permeia essa nova realidade uma série de dilemas que não possuem uma resposta exata, definitiva, concreta e generalizável, cabe também mencionar alguns aspectos embasados em parâmetros bioéticos, tendo em vista que esse espaço do saber se dedica a compreender melhor a questão dos valores, da ética e da moral, que margeiam a vida humana[3].

Para além dessa proposta, espera-se iniciar-se um ensaio sobre uma inter-relação entre bioética e antropologia, tendo como pano de fundo a internet, seus ranços e avanços, permitindo que uma análise transdisciplinar possa começar a se estabelecer em pesquisas voltadas a esse assunto[4].

Contudo, cabe ressaltar que este artigo não tem a pretensão de esgotar o tema, ou mesmo sequer construir verdades e teorias aprofundadas sobre uma bioética antropológica desejosa de descrição, análise e síntese de um fenômeno como o que está sendo estudado.

Ao contrário, deve ser olhado como um exercício de reflexão, uma atividade filosófica que visa trazer à baila novas questões e impasses para serem analisados em vez de respostas, certezas e verdades deontológicas.

CONTEXTUALIZANDO A INTERNET

As mudanças tecnológicas que ocorrem na atualidade transformam de modo considerável a relação do homem com o mundo natural. A velocidade de tais mudanças tem sido tão grande que põe em questionamento a própria sobrevivência do homem[5].

É nesse contexto que uma nova civilização começa a ser anunciada por meio da chegada da multimídia e da internet, com sua beleza de imagens sintéticas, poder expressivo de documentos que combinam imagens e sons, e eficácia na busca por documentos e informações[6].

Kurose e Ross definem a internet como uma rede de computadores mundial, que conecta milhões de equipamentos de computação em todo o mundo. A maior parte de tais equipamentos são computadores e servidores, responsáveis por armazenar e transmitir informações, como as páginas da Web e mensagens dos correios eletrônicos (e-mails)[7].

A internet surgiu no período da Guerra Fria, com o objetivo de manter a comunicação das bases militares dos Estados Unidos, mesmo diante da possibilidade de um ataque nuclear. Ao término desse período, por volta de 1975, os militares já não consideravam importante mantê-la sob sigilo, permitindo o acesso por parte dos cientistas, que mais tarde cederam-na para as universidades. Por intermédio dessas, no final da década de 70, pesquisadores domésticos passaram a acessar a rede. Kurose e Ross colocam que, no final da década de 80, cem mil pessoas já estavam conectadas à internet, afirmando que essa década foi uma época de grande crescimento. Na década de 90, com o desenvolvimento da *World Wide Web* (página), a internet se tornou extremamente atraente e passou a ser acessada por, aproximadamente, seis milhões de computadores[7,8].

No Brasil, a história da internet iniciou-se por volta de 1991, com a Rede Nacional de Pesquisa, uma operação acadêmica subordinada ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Em 1994, a Embratel lançou um serviço experimental com o objetivo de conhecer melhor a rede. Somente em 1995, por intermédio do Ministério das Telecomunicações e do Ministério da Ciência e da Tecnologia, seu uso foi liberado para uso da população, de modo mais abrangente[8].

Diante do avanço da virtualidade na área da informação, a internet é o símbolo maior dessa tendência, significando o que a tecnologia tem de mais avançado. Entretanto, esquece-se que a tecnologia não possui autonomia, sendo instrumentalizada pela ação humana, dentro de relações sociais definidas. É, portanto, a partir dessa proposição que se pode analisar, enquanto bom ou mau, o uso das novas tecnologias. Sabe-se que a internet provê acesso imediato a uma grande quantidade de informações científicas, culturais, artísticas e de lazer, de modo rápido e simples para o usuário, abrindo as mais diversas possibilidades de uso da rede[9].

Assim sendo, Huitema expõe que a internet é um instrumento de comunicação muito poderoso, pois tem uma natureza descentralizada, o que na prática se torna difícil de controlar. E conclui questionando "[...] quem pode prever os progressos que a nossa civilização fará quando a internet se tiver tornado, no século vinte e um, a infraestrutura mundial de comunicação?" (p. 194)[6].

Percebe-se, portanto, que o mundo atual está constantemente debruçado sobre o futuro, dando as costas ao

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2012;6(2):212-216

passado, o que acaba gerando uma desorientação ontológica nos indivíduos. Questionamentos acerca da existência humana e da transcendência do tempo e do espaço de maneira imediata estão cada vez mais presentes no cotidiano do homem contemporâneo, o que demonstra a necessidade de pesquisas sobre tal assunto[5,10].

QUESTÕES ANTROPOLÓGICAS

Conceber a internet como um novo espaço que demanda o estudo por parte da antropologia seria uma afirmativa reducionista, visto que esse novo espaço, do qual emergem inovadoras relações e diferentes formas de ser no mundo, expressa condições antropológicas por si só, sem sequer a necessidade de intervenção de um pesquisador[1,10].

Todavia, torna-se foco de curiosidade, bem como uma necessidade de investigação para melhor compreensão e disseminação de dados, os acontecimentos ligados à virtualidade, deixando então para a antropologia uma nova e extensa realidade recheada de aspectos que se inter-relacionam com a referida área de conhecimento.

Assim sendo, desde o estabelecimento da tecnologia, até o seu derramamento pela sociedade, transformando as formas de acesso à informação, serviços e relacionamentos, é foco de estudos antropológicos, tendo em vista sua complexidade de retratar aspectos da vida humana que até então eram vivenciados de outras formas[4,10].

É característico da antropologia se perguntar sobre quem é o homem e tentar buscar algo comum entre os seres humanos e sua convivência em sociedade. Portanto, num contexto em que surge uma nova ordem social na qual o homem volta a se questionar sobre quem seja ele e qual seu papel fundamental, a antropologia é uma ciência que vem trazer algumas propostas de como investigar tal situação[4].

Independentemente do modo como essa investigação será feita – se por observação mais distante ou de uma participação mais ativa – e de qual a abordagem antropológica a ser utilizada, o fator relevante refere-se ao fato de que a internet é um espaço representacional repleto de identidades e práticas culturais diferenciadas que perpassam desde uma nova concepção do espaço público e da territorialidade, chegando até o desenvolvimento da humanidade, de modo geral, junto à manutenção de sua memória e à sua geração e compartilhamento do saber[1,4,11].

Assim sendo, cabe afirmar sobre a possibilidade de estudos etnográficos que busquem elucidar questões, inovações e problemas por meio do tratamento documental dado à virtualidade e aos seus avanços junto à sociedade.

Ademais, por meio da instituição da rede na vida social, é possível notar diversas transformações da díade espaço-tempo, trazendo uma variabilidade de lugares e de temporalidade, aspectos que merecem ser mais bem investigados, pois, segundo Rocha, "[...] constroem diferentes ritmos e velocidades da integração social" (p. 15)[10].

Dando continuidade a essa linha de raciocínio, sofre também alterações o espaço social, o qual, por meio das redes digitais, passou a sincronizar informações e estabelecer novos diálogos entre sujeitos e pesquisadores na área da antropologia, além de serem criadas condições para a diversidade de estudos etnográficos relacionados ao mundo contemporâneo, visando compreender as novas formas de sociabilidade coletiva[10].

Outro ponto antropológico bastante relevante refere-se à concepção de virtualização proposta por Silva, em que os limites entre real e virtual tornam-se tênues e consideravelmente sutis, ficando a sensação de que não mais se vive em sociedade, mas que essa última criou uma imagem sua no campo virtual, passando a ter experiências apenas a partir dessa imagem, permanecendo enclausurada em si mesma, deixando esvanecer aos poucos a autonomia característica da vida social[1].

A mesma autora questiona-se também sobre as comunidades virtuais criadas, pois são novas formas de resgatar um espaço público perdido na história, com certa informalidade e constantes de pessoas, relações e trocas autênticas, tendo em vista que os constrangimentos existentes na dimensão real não se fazem presentes na dimensão virtual[1].

Além disso, paira no ar o aspecto antropológico ligado ao saber e à transmissão dos conhecimentos produzidos em uma sociedade, pois a internet passou a ser a representação de um espaço mediador e, ao mesmo tempo fragmentado, da divulgação e compartilhamento de dados, que dependerá necessariamente da realidade social na qual os sujeitos dependentes dela estariam inseridos[1,2,12].

Diante dessa situação, Silva traz à baila, como uma reflexão final a respeito da relação antropologia-internet, aspectos sobre o desenvolvimento da humanidade, pois essa nova ferramenta de interação, inserção e exclusão so-

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2012;6(2):212-216

cial obriga a cada ser humano repensar sobre para quais caminhos está rumando o desenvolvimento da humanidade, bem como seus desdobramentos. Fica a indagação sem resposta concluída em relação aos valores que têm se transformado ou até mesmo esquecidos numa sociedade de consumo em que as relações de virtualidade e realidade se confundem em sua constituição[1].

Portanto, um dos grandes mistérios que deseja a antropologia desvendar refere-se ao dilema posto entre as mudanças trazidas pela tecnologia, sua demasiada velocidade e as implicações que isso pode trazer para a sociedade, tendo em vista que "a mudança social não acontece, constrói-se" (p. 13)[1].

Assim sendo, há mais um ponto de fundamental importância a ser compreendido através do olhar antropológico, sendo que pode estar associado a uma dimensão ética, pois a reflexão acerca da mudança de uma situação historicamente construída por meio da aceleração tecnológica lança a seguinte questão: até que ponto as mudanças trazidas pela tecnologia, bem como seus avanços, são realmente positivos?[1,13].

INTERFACES COM A BIOÉTICA

Do advento e da evolução da tecnologia emergem diversos recursos e benefícios à sociedade, porém, com eles, estão presentes também as questões éticas. Na vivência cotidiana, tais avanços transmitem a ideia de que se deve fazer de tudo, mas é nesse contexto que os princípios bioéticos sinalizam que nem tudo que se pode ou se deve fazer é lícito[3].

Entretanto, para o mesmo autor, o objetivo da ética não consiste no simples fato de liberar e cercear atitudes, posturas e parâmetros, mas na construção de um raciocínio que apresente justificativas para os critérios "lícito" e "ilícito", além de oferecer subsídios para que os indivíduos possam modificar suas atitudes considerando que as ações adequadas levam à proteção e à saúde para os relacionamentos entre os seres humanos.

Nesse contexto, sabendo-se que fica a cargo da ética o estabelecimento de princípios, fundamentos e sistemas morais, acredita-se que a vivência do uso dessa ferramenta de modo saudável, integrador das diferentes dimensões humanas e potenciadora do processo de personalização dos indivíduos, bem como da comunicação e do relacionamento, seriam as diretrizes bioéticas basais para a compreensão e normatização da experiência humana nos espaços virtuais[3].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho suscita alguns debates, sendo que entre eles estaria: como poderia ser uma antropologia da internet? Tal antropologia exigiria uma combinação de introspecção, de opiniões pessoais e de história mundial para se explorar o universo do cyberespaço. Afinal, esse mundo não é um mundo autossuficiente, nem mesmo é um mundo. As pessoas carregam consigo suas circunstâncias *off-line* para junto do seu comportamento *on-line*. Constitui-se uma dialética do virtual e do real, na qual nenhuma das duas partes pode ser reduzida à outra e na qual a realidade virtual é a sua síntese temporária.

Nessas condições, questões antropológicas originárias da dúvida primeira "quem é o homem" despertam o interesse de estudiosos sobre o tema, que anteriormente já não haviam dado conta de responder, e que nesse cenário totalmente novo e em construção, a resposta se torna mais obscura, mas não menos interessante ou intrigante.

Passa-se então a uma busca constituída por diversas análises pautadas por diferentes pontos de vista sobre o que representa o fenômeno virtual na sociedade contemporânea e quais suas consequências para o coletivo, objeto de estudo da antropologia.

Angústias sobre a concepção de espaço, tempo, história, memória, realidade social, estilo de investigação e pesquisa antropológicas, concepções de homem de acordo com vieses da antropologia e transmissão de conhecimento são temas abordados que ainda encontram-se engatinhando numa caminhada evolutiva que considera todas essas variáveis num contexto virtual, o qual possui bases na realidade.

Pode-se arriscar inclusive em dizer que há uma possibilidade de existência de certo etnocentrismo em direção ao universo virtual, considerando a concepção proposta por Thomaz, a qual se caracteriza por certo estranhamento frente à alteridade resultante de costumes culturais oriundos da própria cultura, porém divergente daquilo que se considera usual, comum. Cabe, portanto, a cada pesquisador, a cada cientista avaliar até que ponto pairam no ar resistências perante os costumes de uma sociedade

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2012;6(2):212-216

que tenta se adaptar à realidade de dois universos distintos: o real e o virtual[14].

De fato, vale refletir sobre a existência de um julgamento, mesmo que velado ou pouco esclarecido, a respeito da temática que envolve a virtualidade, a tecnologia e a vida humana em sociedade.

Daí surge a brecha necessária para a entrada de preceitos bioéticos, fazendo imperar nessa temática a interdisciplinaridade característica desse campo do saber e trazendo reflexões por meio de seus princípios básicos: beneficência, não maleficência, autonomia e justiça.

Portanto, esse foi apenas um ensaio, um convite para uma reflexão consideravelmente ampla, que integra e correlaciona os campos da antropologia, bioética e virtualidade. Todavia, as semelhanças com as prováveis angústias vivenciadas pelos leitores não podem ser consideradas apenas mera coincidência.

REFERÊNCIAS

1. Silva LJOL. A Internet – a geração de um novo espaço antropológico [acesso 2 Abr 2011]. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-Internet-espaco-antropologico.html
2. Schlegel R. Internauta brasileiro: perfil diferenciado, opiniões diferenciadas. Rev Sociol Polit. 2009;17(34):137-57.
3. Gomes R. Desafios éticos do mundo técnico e tecnológico: entre recurso e vulnerabilidade. Rev Bioethikos. 2010;4(1):75-85.
4. Pessini L. Bioética em tempo de incertezas. São Paulo: Loyola; 2010.
5. Cória-Sabini MA. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Ática; 1993.
6. Huitema C. E Deus criou a internet... Lisboa: Publicações Dom Quixote; 1995.
7. Kurose JF, Ross KW. Redes de computadores e a internet: uma nova abordagem. São Paulo: Addison Wesley; 2003.
8. Bogo KC. A História da internet – como tudo começou [acesso 5 Nov 2010]. Disponível em: www.kplus.com.br
9. Marcondes CH, Gomes SLR. O impacto da internet nas bibliotecas brasileiras. Rev Terceiro Setor. 2000;92(2).
10. Rocha ALC. Espaços virtuais, redes eletrônicas e o campo dos saberes em Antropologia. [acesso 4 Abr 2011]. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9251
11. Oliveira RC. O mal-estar da ética na antropologia prática [acesso 1 Jun 2011]. Disponível em: http://www.4shared.com/document/D5_adQjF/Ceres_Vctora_-_O_Mal-estar_da_.html
12. Vargas EP. Saúde, razão prática e dimensão simbólica dos usos da internet: notas etnográficas sobre os sentidos da reprodução. Saúde Soc. 2010;19(1):135-46.
13. Neves MCP. A fundamentação antropológica da Bioética [acesso 28 Mai 2011]. Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/revista/bio1v4/fundament.html
14. Thomaz OR. A antropologia e o mundo contemporâneo: cultura e diversidade [acesso 2 Jun 2011]. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/49783636/THOMAZ-Omar-Ribeiro-A-Antropologia-e-o-mundo-contemporaneo-cultura-e-diversidade

Recebido em: 27 de janeiro de 2012
Aprovado em: 17 de fevereiro de 2012